

## NOTAS:

- 1 Euclides da Cunha. Correspondência de Euclides da Cunha. Org. por Oswaldo Galotti e Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Edusp, 1996.
- 2 Id. "Canudos", 29 set. 1897. In: Canudos: diário de uma expedição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939, p. 107-9. Id. Caderneta de campo. São Paulo, Brasília, Cultrix, INL, 1975, p. 69.
- 3 José Calasans. "Euclides da Cunha nos jornais da Bahia". In: Revista de Cultura da Bahia (Salvador), 4: 47-50, jul.-dez. 1969.
- 4 Walnice Nogueira Galvão (org.). No calor da hora. A guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição. São Paulo, Ática, 1977.
- 5 E. da Cunha. "Canudos", 1 out. 1897. In: Canudos, p. 110 e ss.
- 6 Angel Rama. La ciudad letrada. Ediciones del Norte, 1984. Trad. br.: A cidade das letras. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- 7 E. da Cunha. Os sertões: campanha de Canudos (1902). Ed. de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 145, 179.
- 8 Hippolyte Taine. Histoire de la littérature anglaise (1863). Paris, Hachette, 1905, v. 1, p. xxxix.
- 9 E. da Cunha, Os sertões, p. 232-9.
- 10 Douglas Teixeira Monteiro. "Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado". In: Boris Fausto (ed.). História geral da civilização brasileira. São Paulo, Difel, v. III/2, 1977. Maria Isaura Pereira de Queiroz. O messianismo no Brasil e no mundo. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.
- 11 E. da Cunha, Os sertões, p. 194, 249.
- 12 Id., Caderneta de campo, p. 58-9.
- 13 Id., ibid., p. 73-5.
- 14 Pe. Manoel José Gonçalves Couto. Missão abreviada para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das Missões. Porto, Sebastião José Pereira, 1878.
- 15 Antônio Vicente Mendes Maciel (Antônio Conselheiro). "Sobre a República" (1897). In: Ataliba Nogueira. Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica. São Paulo, Nacional, 1978.
- 16 Robert Levine. Vale of tears: revisiting the Canudos massacre in the Northeastern Brazil, 1893-1897. Berkeley, Los Angeles, Oxford, Univ. of California Press, 1992. Trad. br.: O sertão prometido: o massacre de Canudos no nordeste brasileiro. São Paulo, Edusp, 1995. Marco Villa. Canudos: o povo da terra. São Paulo, Ática, 1995.
- 17 E. da Cunha. "Canudos", 16 ago. 1897. In: Canudos, p. 29.

## CANUDOS: POESIA E MISTÉRIO DE MACHADO DE

ASSIS

*Canudos: Poesia e Mistério de Machado de Assis*

*Clímaco Dias*

*Pesquisador do CEEC/UNEB*

A guerra de Canudos, não foi apenas um embate do Estado brasileiro representado pelo exército, contra Antônio Conselheiro e sua gente. Os estudos desenvolvidos até então, revelam que durante o conflito, raros segmentos ou personalidades tomaram qualquer posição favorável aos conselheiristas. Eram todos contra a existência de Canudos.

Uma das únicas vozes que se colocou contrária à versão oficial foi a de Machado de Assis, não por simpatia a causa do Conselheiro, que parece ele jamais logrou conhecer, mas sobretudo pela visceral desconfiança, que ele tinha das elites brasileiras.

Todos os comentários de Machado de Assis acerca da guerra de Canudos, foram escritos no jornal Gazeta de Notícias, onde ele escrevia uma crônica dominical denominada, a "A Semana". Esta publicação abrangeu o período de março de 1892 a fevereiro de 1897. Esses escritos refletem de maneira eloquente, a postura que o escritor assumiu em um dos momentos mais sombrios da história brasileira, e é possível também enxergar os assaques, difamações e injúrias que eram perpetrados contra Canudos, pela imprensa, através dos seus editoriais e correspondentes, sobretudo no período de guerra.

O enviado da "Gazeta de Notícias" no momento da guerra, Favila Nunes, confirma esse clima de violência contra Canudos, quando escreve nos seus relatos frases dessa natureza: "Um projétil matou 22 jagunços. Bendita Granada."



(Calasans, 1992). E até o mais famoso deles, Euclides da Cunha. Nesse mesmo período, defendeu aberta e apaixonadamente a destruição da comunidade de Antônio Conselheiro, em artigo como a "Nossa Venda" (Canudos 1993) o que faz realçar sobremaneira a importância histórica das crônicas Machadianas.

Em suma, o consenso das elites define Canudos como um reduto monarquista, terra do amor livre, refúgio de criminosos e bandidos, guiados por um louco disposto a tudo para fazer prevalecer os seus devaneios.

Machado de Assis no entanto, não fez coro com essas vozes. Vozes que, depois de terminada a guerra, muitas delas reviram suas posições intransigentes e belicosas, como foi o caso do próprio Euclides da Cunha, Favila Nunes, Manoel Benício, Rui Barbosa para citar apenas alguns exemplos.

Em 22 de julho de 1894, mais de um ano após a fundação do arraial, Machado de Assis escreve a primeira crônica, que traz vários aspectos inusitados do perfil do escritor. O primeiro é o fato da crônica receber um título (Canção de Piratas), o que não era hábito, quando da sua passagem pela Gazeta de Notícias, titular suas crônicas. Outro traço incomum é que esta é uma passagem marcadamente utópica, coisa muito rara na sua obra. A marca utópica é tão indelével, que já na abertura, o leitor é convidado a fazer um sonho digno de qualquer utopista do século XIX:

"Telegramma da Bahia refere que o conselheiro está em Canudos com 2.000 homens (dous mil homens) perfeitamente armados. Que Conselheiro? O Conselheiro. Não lhe ponhas nome algum, que é sair da poesia e do mysterio. E' o Conselheiro, um homem dizem que fanatico, levando comsigo a toda a parte aquelles dous mil legionarios. Pelas ultimas noticias tinha já mandado um contingente a Alagoinhas. Temem-se no Pombal e outros logares os seus assaltos." (1937)

A pergunta - que Conselheiro? - acompanhada da resposta definitiva - O Conselheiro - com o pedido para não se nominar o peregrino. É o primeiro mergulho machadiano na vertigem que se sucede, adiante a desconfiança da versão das elites se expressa através da construção: "É o Conselheiro, um homem dizem que fanático"... sendo que o momento seguinte é ainda mais revelador"

"Jornaes e telegrammas dizem dos clavinoteiros e dos sequazes do Conselheiro que são criminosos; nem outra palavra pôde sair de

cerebros alinhados, registrados, qualificados, cerebros eleitores e contribuintes. Para nós, artistas, é a renascença, é um raio de sol que, atravez da chuva miuda e aborrecida, vem dourar-nos a janella e a alma. E' a poesia que nos levanta do meio da prosa chilra e dura deste fim de seculo. Nos climas asperos, a arvore que o inverno despiu é novamente enfolhada pela primavera, essa eterna florista que aprendeu não sei onde e não esquece o que lhe ensinaram. A arte é a arvore despida: eis que lhe rebentam folhas novas e verdes.

Sim, meus amigos. Os dous mil homens do Conselheiro, que vão de villa em villa, assim como os clavinoteiros de Belmonte, que se mettem pelo sertão, comendo o que arrebata, acampando em vez de morar, levando moças naturalmente, moças captivas, chorosas e bellas, são os piratas dos poetas de 1830. Poetas de 1894, ahí tendes materia nova e fecunda. Recordae vossos paes; cantae, como Hugo, a canção os piratas;

En mer, les hardis écumeurs !  
Nous allions de Fez á Catane... (1937)

A relativização do crime, fica aqui evidenciada, como em toda obra Machadiana. O degredo de Capitu por Bentinho, os contos Pai Contra Mãe e Maria Cora, são alguns entre vários exemplos de como o escritor tratava questões morais, como a bondade e a maldade. Não há diferença entre um criminoso e um religioso. Tudo é máscara, que quando se revelam na sua plenitude, nivela as personalidades mais díspares. Essa visão que perpassa todos os escritos de Machado de Assis, talvez na Canção de Piratas, seja o momento em que isso fique mais claro. Conselheiro é um pirata romântico de Vitor Hugo e outros escritores...

"Entrae pela Hespanha, é ainda a terra da imaginação de Hugo, esse homem de todas as patrias; puxae pela memoria, ouvireis Espronceda dizer outra canção de pirata, um que desafia a ordem e a lei, como o nosso Conselheiro. Ide a Veneza; ahí Byron recita os

\* Personagem do Romance Dom Casmurro.



versos do Corsario no regaço da bella Guiccioli. Tornae á nossa America, onde Gonçalves Dias tambem cantou o seu pirata. Tudo pirata. O romantismo é pirataria, é o banditismo, é a aventura do salteador que estripa um homem e morre por uma dama.”

O Romantismo, a pirataria e o banditismo, são colocados novamente em planos equivalentes, alinhando os personagens de Vitor Hugo, Byron e Gonçalves Dias ao Conselheiro. E sequencia misturando utopia e crítica política e social...

“Crede-me, esse Conselheiro que está em Canudos com os seus dous mil homens, não é o que dizem telegrammas e papeis publicos. Imaginae uma legião de aventureiros galantes, audazes, sem officio nem beneficio, que detestam o calendario, os relogios, os impostos, as reverencias, tudo o que obriga, alinha e apruma. São homens fartos desta vida social e pacata, os mesmos dias, as mesmas caras, os mesmos acontecimentos, os mesmos delictos, as mesmas virtudes. Não podem crer que o mundo seja uma secretaria de Estado, com o seu livro de ponto, hora de entrada e de saida, e desconto por faltas. O proprio amor é regulado por lei; os consorcios celebram-se por um regulamento em casa do pretor, e por um ritual na casa de Deus, tudo com etiqueta dos carros e casacas, palavras symbolicas, gestos de convenção. Nem a morte escapa á regulamentação universal; o finado ha ter velas e responsos, um caixão fechado, um carro que o leve, uma sepultura numerada, como a casa em que viveu... Não, por Satanaz! Os partidarios do Conselheiro lembraram-se dos piratas românticos, sacudiram as sandalias á porta da civilização e saíram á vida livre. A vida livre, para evitar a morte igualmente livre, precisa comer, e dahi alguns possiveis assaltos. Assim tambem o amor livre. Elles não irão ás villas pedir moças em casamento. Supponho que se casam a cavallo, levando as noivas á garupa, emquanto as mães ficam soluçando e gritando

á porta das casas ou á beira dos rios. As esposas do Conselheiro, essas são raptadas em verso, naturalmente:” (1937)

Sa Hautesse aime les primeurs,  
Nous vous ferons mahométane...

O traço caústico desenvolvido a partir de Memórias Póstumas de Brás Cubas, primeiro romance da sua fase realista, fica marcado na citação anterior. O ceticismo com que ele vê a organização social e política do seu tempo, ressalta a influência recebida de Pascal, Shopenhauer e Nietzsche.

O último parágrafo da crônica, apesar de ser uma bela construção utópica, fica clara a influência da versão da imprensa quando fala em assaltos e amor livre em Canudos. Mas, a febre utópica prossegue, quando compara os conselheiristas às estrelas erráticas, incitando os poetas a fazerem cantigas de muito fôlego. E finaliza de forma apoteótica: Ó vertigens das vertigens!!!

A singularidade desse momento, é corroborada por vários estudiosos do escritor. Valentim Faccioli, (Assis, Machado 1982) cita a “Canção de piratas” como um momento vertiginoso, fazendo um paralelo desta com o delírio de Brás Cubas. E ao que parece, o próprio Machado reconhece nesta, um trabalho que extrapolou as características de uma crônica, pelo fato de mais tarde ter decidido publicá-la em livro, quando sabe-se que ele era da opinião de que esse tipo de escrito deveria ficar restrito às páginas dos jornais.

Depois desta publicação, Machado de Assis só volta a falar de Canudos em 13 de setembro de 1896, mais de dois anos depois da sua primeira manifestação.

O tema principal dessa crônica no entanto não é Canudos nem Antônio Conselheiro, mas um outro peregrino, que se chamava Manoel Benta da Hora, e fazia suas pregações em uma localidade denominada Gameleira, localizada em Orobó Grande, atual Rui Barbosa, contando naquele momento com mais de cem seguidores.

Do mesmo modo como se comportava em relação ao Conselheiro, a imprensa da Bahia pede a prisão de Benta Hora, e que este apresente suas credenciais divinas na cadeia. Machado de Assis, além de fazer uma severa crítica ao tom jocoso da informação, defende de forma veemente e apaixonada, o direito de manifestação de Benta Hora, fazendo a comparação entre o vice-governador de Sergipe - Padre Dantas - que era acusado de perseguir os padres que eram de oposição. E comenta esse fato na plenitude de sua fina ironia, dizendo que



Sergipe era um estado quase eclesiástico, e que se alguns padres ali fossem presos, não seria porque não estão unidos espiritual, mas exclusivamente porque estão desunidos no temporal. E continua sua defesa, mostrando a diferença entre os seguidores de Benta Hora e os padres de Sergipe.

“É o contrário dos cento e tantos amigos de Benta Hora; esses com certeza vão atrás de algum Evangelho. Ora, pergunto eu: a liberdade de profetar não é igual à de escrever, imprimir, orar, gravar? Ninguém contesta à imprensa o direito de pregar uma nova doutrina política ou econômica. Quando os homens públicos falam em nome da opinião, não há quem os mande apresentar as credenciais na cadeia. E desses, por três que digam verdade, haverá outros três que digam outra coisa, não sendo natural que todos dêem o mesmo recado com idéias e palavras opostas. Donde vem então que o triste do Benta Hora deva ir confiar às tábuas de um soalho as doutrinas que traz para um povo inteiro, dado que a cadeia de Orobó Grande seja assoalhada?” (Obras 1985)

A crítica ao clero sergipano, que na realidade é uma crítica a postura do todo clero do Brasil, é estendida à imprensa e aos políticos, com a ironia demolidora que sempre marcou os seus escritos.

Na sequência, Machado faz referência à ligação que o telegrama da imprensa faz entre Benta Hora e Antônio Conselheiro, e como são passados mais de dois anos desde a última informação que o escritor teve de Canudos, ele já não consegue recordar quem é Antônio Conselheiro.

Quanto à doutrina em si mesma, não diz o telegrama qual seja; limita-se a lembrar outro profeta por nome Antônio Conselheiro. Sim, creio recordar-me que andou por ali um oráculo de tal nome; mas não me ocorre mais nada. Ocupado em aprender a minha vida, não tenho tempo de estudar a dos outros; mas, ainda que esse Antônio Conselheiro fosse um salteador, por onde se há de atribuir igual vocação a Benta Hora? E, dado que seja a mesma, quem nós diz

que, praticado com um fim moral e metafísico, saltar e roubar não é uma simples doutrina? Se a propriedade é um roubo, como queria um publicista célebre, por que é que o roubo não há de ser uma propriedade? E que melhor método de propagar uma idéia que pô-la em execução?” (1985)

Mesmo sem ter uma clara recordação da primeira crônica, Canção de Piratas, o escritor mantém algumas características desta, sobretudo quando novamente atenua o crime se este for praticado em nome de um ideal. E se na crônica anterior ele evocava os piratas de Vitor Hugo, nesta é feita uma referência implícita à Proudhon, quando este afirmava que toda propriedade é um roubo, e mais que tudo, reafirma a sua postura de completa desconfiança nas posições da imprensa da sua época.

Na crônica de 6 de dezembro de 1896, já não se encontra o Machado de Assis utópico da Canção de Piratas, nem tampouco o intransigente defensor do direito de manifestação de Benta Hora e Conselheiro, de 13 de setembro, mas um Machado já influenciado pelo clima de histeria que se instalou no país após a humilhante derrota da expedição do exército comandada pelo Tenente Pires Ferreira em Uauá, há apenas duas semanas.

De início o escritor compara Antônio Conselheiro ao beribéri, e comenta que a doença começou com o foco no Maranhão e depois se espalhou por todo país, tornando-se enfermidade nacional, e chama a atenção do leitor, para o fato de que ninguém advertiu para a conveniência de sufocá-la nos primeiros focos.

O que se vê neste momento, é um escritor que é informado pela imprensa, que o Conselheiro recebia armas Comblain e Chuchú de amigos à sombra da lei, em uma alusão velada ao conflito de Vianistas e Gonçalvesistas, em que os segundos acusam os primeiros de convivência com os fiéis de Canudos.

Pode-se, ao longo da leitura desta crônica, constatar as fendas que o clamor nacional em torno da derrota da 1ª expedição provocou no pensamento do escritor, quando este fala das notícias que afirmavam que a intenção do Conselheiro já não era mais ficar restrito ao sertão, mas alcançar o Rio de Janeiro. No entanto, apesar da mudança do enfoque em relação aos trabalhos anteriores, Machado ainda assim duvida.

Duvida das notícias da imprensa, dúvida das elites, e reconhece a importância de Antônio Conselheiro quando diz:



Antes de tudo, tiremos o chapéu. Um homem que só com uma palavra de fé, e a quietação das autoridades congrega em torno de si trez mil homens armados, é alguém. Certamente, não é digno de imitação; chego a achá-lo detestável; mas que é alguém, não ha duvida. Não me repliquem com algarismos eleitoraes; nas eleições pôde-se muito bem reunir duas e trez mil pessoas, mas são pessoas que votam e se retiram, e não se reúnem todas no mesmo lugar, mas em secções. Casos ha em que nem vão ás urnas; é o que elegantemente se chama bico de penna. Uns dizem que este processo é immoral; outros que immoral é ficar de fóra. eu digo, como Bossuet: "Só Deus é grande, meus irmãos!" (1937)

Vê-se aí, Machado de Assis em um momento pleno de sua característica afirmação/negação, que marca todo o seu romance da fase realista, e que para Sônia Brayner é a "lógica dos paradoxos" (1982), e para Roberto Schwarz é a "desidentificação permanente." (1982)

Ao mesmo tempo em que ele diz que o Conselheiro não é digno de imitação, e que acha-o até detestável, ele reconhece que uma pessoa que consegue a fidelidade de três mil pessoas, deve ser digno de reconhecimento, e a seguir ataca a fraude eleitoral, expediente bastante utilizado na 1ª república, insinua que o feito do Conselheiro, é maior do que qualquer político eleito, sobretudo aqueles eleitos no "bico de pena", e chega ao ápice da desconstrução citando uma frase de Bossuet, que também podia ser de Pascal: "Só Deus é grande meus irmãos!"

Bossuet e Pascal também podiam se encontrar com Machado, na bela igreja de Crisópolis - (uma pequena cidade do interior da Bahia) - construída pelo Conselheiro em 1892, que tem inscrito na sua fachada: "Só Deus é grande". Mais mistério, ou Machado já tinha conhecimento desse fato?

Em outro momento da crônica, a ironia do escritor irrompe de forma avassaladora, quando comenta as notícias de que a intenção de Antônio Conselheiro é destruir as instituições republicanas, e o compara ao general Boulanger e Cromwell, e na continuação, retorna à dúvida que sempre foi manifestada por ele, sobre como viviam os conselheiristas e quais os fundamentos gerais daquela comunidade.

Três semanas depois, Machado de Assis volta a falar em Antônio Conselheiro. Embora as eleições sejam o tema central da crônica, no momento em que critica o grande número de candidatos, afirma que ele e o leitor não o são, mas que mesmo assim não garante pelo leitor, podendo este a partir da leitura pleitear uma vaga. Logo após alcança o clímax da ironia, quando admite que naquele século tudo era possível. Como exemplos, cita a descoberta dos Raios X, comentando que Thomás Edison planejava dar vista aos cegos, e fala que Conselheiro anda fazendo tal proeza sem qualquer outro instrumento que não a sugestão. Comentário que provavelmente teve origem, nos informes da imprensa que propalavam que os conselheiristas falavam de fantásticos milagres.

Esta foi a última crônica do ano de 1896, ano do início da guerra de aniquilamento da comunidade canudense.

No mês de janeiro de 97, mais precisamente no dia 31, quando as expedições do exército comandadas por Pires Ferreira e Febrônio de Brito, já haviam sido derrotadas. Machado de Assis escreve uma crônica que é deveras surpreendente. Surpreendente por retomar a linha adotada na "Canção de Piratas" de julho de 1994.

Na abertura, ele se manifesta dessa forma: "Os direitos da imaginação e da poesia hão de sempre achar inimiga uma sociedade industrial e burguesa. Em nome delles protesto contra a perseguição que se está fazendo a Antônio Conselheiro". E segue dizendo que o Conselheiro fundou uma seita que não se conhece o nome nem a doutrina, e que esse mistério é poesia, trazendo em plena guerra, duas palavras que foram o fio condutor da crônica "Canção de Piratas": Mistério e Poesia.

A crônica de 31 de janeiro é a simbiose de tudo que Machado havia escrito sobre Canudos e Antônio Conselheiro. Utopia e perplexidade.

Perplexidade quando ele indaga qual o vínculo que mantinha os conselheiristas fiéis ao Conselheiro depois de ter morrido 900 na última batalha. Utopia quando diz que não podendo saber o que eram aqueles homens e mulheres, só lhe restava a "imaginação para descobri-la e a poesia para floreá-la".

O protesto do parágrafo inicial, se transmuta em crítica direta aos correspondentes de guerra em geral, e em particular àquele que envia informes ao seu jornal, ao observar que o mesmo escreve de Salvador e não de Canudos, e todo referencial jornalístico orienta-se por testemunhos duvidosos, por não sentirem o pulsar de Canudos.



Esse sempre foi um questionamento recorrente nos seus escritos sobre o Arraial de Belo Monte. Machado ansiava saber como moravam, amavam, guerreavam e morriam os Conselheiristas. E a imprensa além de não o informar, distorcia os fatos, e criava outros conforme as conviniências das elites. E quanto mais ele se sentia perplexo mais recorria à utopia.

Que vínculo é esse, repito, que prende tão fortemente os fanaticos ao Conselheiro? Imaginação, cavallo de asas, sacode ás crinas e dispara por ahí fóra; o espaço é infinito. Tu, poesia, trepa-lhe aos flancos, que o espaço, além de infinito, é azul, Ide, voae, em busca da estrella de ouro que se esconde além, e mostrae-nos em que é que consiste a doutrina deste homem.<sup>8</sup>

Depois o escritor afunila dizendo que todos iriam “perder um assumpto vago, remoto, fecundo e pavoroso”, finalizando com uma mistura do tom profético do Conselheiro e o seu realismo cético:

A perseguição faz-nos perder isto; acabará por derribar o apóstolo, destruir a seita e matar os fanaticos. A paz tornará ao sertão, e com ella a monotonia. A monotonia virá também á nossa alma. Que nos ficará depois da victoria da lei? A nossa memoria, flôr de quarenta e oito horas, não terá para regalo a agua fresca da poesia e da imaginação, pois seria profanal-as com desastres electricos de Santa Theresa, roubos, contrabandos e outras anedotas succedidas nas quinta-feiras para se esquecerem nos sabbados.<sup>8</sup>

Na semana seguinte, 7 de fevereiro, o assunto Canudos volta a se ser tema de sua crônica dominical. Dessa vez entretanto, ele faz o trabalho dedicado às mulheres dos soldados embarcados no dia 3, para formar a 3ª expedição sob o comando de Moreira César. Ainda aí, duvida do que lê, quando escreve: “dizem que outras declaravam que iriam juntar-se a elles...” “... pelo que dizem as gazetas, que as taes mulheres sofriam devéras”. Mas, talvez a passagem mais importante, seja a crítica sutil sobre a 2ª expedição: “queriam acompanhá-los até a Bahia, até o sertão, até os Canudos, onde o major Febrônio não entrou, por motivos constantes de um documento público”.

Em 14 de fevereiro, quando as tropas de Moreira César se preparavam para atacar Canudos, Machado reaparece assumindo novamente um tom mais crítico em relação a Canudos, mas sem abandonar o desejo de conhecer a doutrina e a vida dos canudenses.

Embora o massacre final à Canudos só tenha sido concluído em 5 de outubro, esta foi a última crônica do escritor, sobre Canudos. A crítica desenvolvida neste trabalho, fica clara desde o início: “Conheci o que é celebridade”, a propósito de encontrar na rua, uma mulher do povo à procura de jornais, para ver a foto do Conselheiro. Faz referências a queda dos títulos brasileiros em Nova Iorque e Londres, como outra prova de que o “Messias” tinha realmente tornado-se célebre. A essa ironia, acrescenta após o seguinte pensamento:

Ora bem, quando acabar esta seita dos Canudos, talvez haja nela um livro sobre o fanatismo sertanejo e a figura do Messias. Outro Coelho Neto, se tiver igual talento, pode dar-nos daqui a um século um capítulo interessante, estudando o fervor dos bárbaros e a preguiça dos civilizados, que os deixaram crescer tanto, quando era mais fácil tê-los dissolvido com uma patrulha, desde que o simples frade não fez nada. quem sabe? Talvez então algum devoto, reliquia dos Canudos, celebre o centenário desta finada seita. (1985)

A afirmação de que era mais fácil dissolvê-los com uma patrulha, é um enigma maior do que o de Capitu. O que teria motivado o escritor a defender a dissolução de Canudos, quando durante todo tempo que escreveu, ele foi um renhido defensor do direito de existência dos Conselheiristas? Teria sido a mudança de posição provocada pelo aprofundamento da guerra e o acúmulo de cadáveres em ambos os lados? Ou talvez fosse uma crítica às elites, que todo tempo combateram Canudos, mas que quando resolveram acabar de vez já era tarde?

É um enigma que não pôde ser solucionado, pois embora o fim da guerra só tenha ocorrido em outubro, em 28 de fevereiro Machado de Assis encerra sua participação como cronista no jornal “Gazeta de Notícias”.

Mas note-se que mesmo com esse nível de crítica, Machado recorre ainda a sua vontade de conhecer Canudos, sugerindo que “quando tudo acabasse, talvez Coelho Neto através da imaginação, trouxesse alguma coisa da vida naquele lugar.

É lamentável que o escritor tenha interrompido suas crônicas na Gazeta de Notícias, justamente uma semana antes da debâcle da 3ª expedição. Mas, até onde ele escreveu, foi uma voz quase que isolada, na crítica à postura das elites em relação à Canudos, e nos poucos momentos em que assim não ocorreu, não foi por este capitular ao poder dominante, mas pela desinformação da qual ele foi vítima desde a sua primeira crônica em 26 de julho de 1894, até a última em 14 de fevereiro de 1897.

Se só a partir de informações tendenciosas, calúnias e pregação da violência dos meios de comunicação, Machado deixou-se por várias vezes ser levado pela utopia, para achar respostas às suas dúvidas sobre Canudos, questionando o poder, e com uma posição quase sempre favorável aos Conselheiristas, considere-se se este tivesse tido acesso às informações mais precisas. Abra-se então um espaço para essa utopia.

Imaginem Machado sabendo que os conselheiristas, jamais intentaram destruir a República ou implantar qualquer regime político no país, e o que eles queriam era o direito de viver de uma forma diferente, e que todos que acompanhavam o Conselheiro partilhavam desse sonho, talvez o escritor não tivesse sido apenas um defensor da existência de Canudos, na grande maioria dos trabalhos que ele escreveu sobre o tema.

Talvez se Machado tivesse sabido através de Manoel Benício, (1899) que as mulheres de Canudos andavam com os ombros à mostra, parte do corpo feminino que é uma das obsessões do seu romance, tivesse ido a Canudos para admirar esses ombros. Quem sabe encontrasse Sofias e Virgílias?

Quem sabe se ele visse a bela Maria Pimpona, nadando nua nas águas do Vaza Barris, esta não seria uma musa e pirata da sua ficção? Ou então, se ele soubesse que lá se dançava côco pishui, que existiam loucos, comerciantes, beatos, ex-escravos, índios, homens e mulheres covardes, homens e mulheres guerreiros, que se juntaram em torno de um sonho, talvez na sua obra, Machado tivesse até concedido mais à utopia.

“Ó vertigem das vertigens!”

\*Machado de Assis voltou a escrever na GAZETA de Notícias em 1900, entretanto foram apenas quatro crônicas e, em nenhuma delas, Canudos foi objeto das mesmas.

\*\* Personagens dos romances, Quincas Borba e Memórias Póstumas de Brás Cubas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1 ASSIS, Machado de. Obras completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. v. 3.
- 2 ASSIS, Machado de. A Semana. Rio de Janeiro: W.M. Jackson INC, 1937. 3v.
- 3 BENÍCIO, Manuel. O Rei dos Jagunços. Riode Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1899.
- 4 BOSI, Alfredo, et al. ( oy. ) Machado de Assis: antologia e estudos. São Paulo: Ática, 1982. 526p. ( Escritores Brasileiros )
- 5 CALASANS, Jose Favila Nunes. Reporter em Canudos. Revista do Instituto Histórico e Geográfico. Salvador, n. 90, 1992.
- 6 CANUDOS e outros temas. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1993, 235 p